



Bruno Segawa Cristofoli

CURSO – ENGENHARIA QUÍMICA/USP

“Se você tem condição de fazer dupla graduação, acho que é imperdível”

A entrevista do Bruno Segawa Cristofoli aborda a dupla graduação que a Poli oferece aos alunos. É uma experiência de vida única que ele traz para os nossos futuros engenheiros.

JC – Ao se formar no colégio, quais vestibulares você prestou?

Bruno – Fuvest, Unicamp e Enem para Engenharia Química e FGV para Economia.

Você estava na dúvida sobre a carreira?

Não estava muito em dúvida. Sabia que queria ser engenheiro, mas prestei a FGV, porque gosto de Economia. Inclusive, atualmente trabalho no mercado financeiro.

O que trouxe você para o Etapa?

No final do Ensino Fundamental, prestei para um outro colégio e para o Etapa. Na hora que pisei no Etapa, achei bem mais legal e disse: “Quero vir para este colégio”.

Quando você entrou aqui, já veio com a ideia de cursar Engenharia?

Gostava de Exatas e Economia, sempre gostei. Decidi pela Engenharia Química mais ou menos no meio do 2º ano do Ensino Médio.

Como foi a sua adaptação aqui no Etapa?

No começo, eu não ia tão bem, mas, ao longo do tempo, fui melhorando. Foi um impacto, mas foi muito positivo, assim como o impacto que sofri quando entrei na Poli.

Você fazia alguma atividade extraclasse na sua época do colégio?

Havia um monte de coisas, eu adorava isso no Etapa. Sempre curti muito. Fazia as Olimpíadas de Matemática, mas o que acabei seguindo mais firme foram as Olimpíadas de Física e de Química.

Se você não passasse na Poli, faria a Unicamp ou a FGV?

Na verdade, queria muito a Poli. Se não tivesse passado, teria feito um ano de cursinho no Etapa.

Como foi o seu início na Poli?

O maior choque foi realmente no jeito do ensino. Acho que o Etapa ensina muito bem a gente a estudar sozinho. A deficiência que via do pessoal era de gente que era muito inteligente no Ensino Médio, que passou quase sem estudar, só que na hora de estudar na faculdade o pessoal não conseguia. Acho que o Etapa me ensinou essa humildade, disciplina e paciência de sentar e estudar. Quem tem o melhor desempenho é a pessoa disciplinada.

Você chegou a participar das atividades extras da Poli?

No Etapa, peguei o gosto de fazer atividades extracurriculares, porque não sou um cara que tem um desempenho acadêmico feno-

ENTREVISTA

Carreira – Engenharia Química

1

ESPECIAL

Alunos do Colégio Etapa são premiados na OQSP 2020

3

ARTIGO

Narrativas do samba e do rap guardam semelhanças entre si que vão além das origens

4

CONTO

A melhor amiga – Artur Azevedo

7

POIS É, POESIA

Florbela Espanca

8

menal; vou bem, mas não tanto assim. Aprendi a fazer as atividades extracurriculares em busca de melhorar, estudar outras coisas, etc. Na Poli, no meio do 1º ano, fiz Empresa Júnior, fiquei lá durante um ano e meio. Também fiz Iniciação Científica e intercâmbio, de onde voltei recentemente.

E o que você fazia na Empresa Júnior da Poli?

Eu era de um Núcleo de Química lá dentro. A gente prestava consultoria para algumas empresas, mais voltada para a área de Química. Mas o mais importante foi ter aprendido a trabalhar. Isso me ajudou a dar esse outro passo da faculdade, de me preparar para a carreira, de ser mais independente, de melhorar a comunicação. Também foi lá que acabei descobrindo os meus gostos profissionais.

Que gosto profissional você descobriu?

Hoje em dia, trabalho com mercado financeiro, em uma consultoria de investimentos independente.

Já pensava em fazer intercâmbio para a França quando entrou na Poli?

Comecei a estudar francês, porque pensei que, se escolhesse fazer, já estaria falando a língua.

Então você fez a dupla graduação na França. Como foi esse período fora do país?

Acabei ficando um ano e meio. Agora, vou precisar validar a dupla graduação na França. Meu intercâmbio acabaria só no final do ano. Por conta da pandemia e também por questões de carreira, acabei voltando mais cedo.

Quando você foi para a França?

No 3º ano da Poli, em 2018, no final de agosto.

O processo de admissão para o intercâmbio foi rápido?

O processo começou em março do 3º ano, e tive a resposta em abril.

Para você ir para a França teve alguma bolsa por parte da Poli?

No meu ano, eles distribuíram bolsas de acordo com quem tinha condições de pagar e quem não tinha. Foi bem legal isso, porque na minha entrevista falei que conseguiria pagar, e eles acabaram dando a bolsa para uma amiga minha que não tinha chance de pagar, e ela foi também. Na França, para me ajudar um pouco, dei aulas durante o tempo que fiquei por lá.

Você deu aulas de quê?

Na minha turma, tinha um aluno com deficiência física que, na França, tinha direito a um tutor. Comecei como tutor e acabei por ficar amigo dele. A faculdade me pagava para dar um certo número de horas de aula para ele, da minha própria matéria.

Esse seu amigo é francês?

Ele é árabe, mas a gente falava em francês.

Onde foi seu estágio lá?

O meu primeiro estágio foi em Toulouse, no verão de 2019.

E o que você fazia nesse estágio?

A minha pesquisa era para achar um novo solvente para a produção de uma célula fotovoltaica. Eles esperavam que eu fizesse um trabalho totalmente manual, mas desenvolvi uma ferramenta para também tratar os dados de forma automática e isso me deu destaque lá. Em vez de imprimir um documento de texto e ficar

lendo e procurando as coisas, a ferramenta fazia tudo automaticamente. Até hoje eles usam essa ferramenta. Foi bem legal, a minha orientadora de lá gostou bastante.

Você não chegou a completar dois anos lá. Além da pandemia, quais foram os outros motivos?

Já estava planejando voltar para cá, porque na França o engenheiro só segue a carreira de engenheiro. Não é como no Brasil, em que você pode acabar fazendo um monte de outras coisas. Já sabia que eu não queria seguir carreira de engenheiro no Brasil. Na França até seguiria na carreira, porque lá a Engenharia é muito diferente da que se faz no Brasil. Como seria um risco muito grande ficar lá e mudar para a França, acabei seguindo aqui para outra área, que também gosto, do mercado financeiro.

Fale sobre sua perspectiva quanto à Engenharia e ao trabalho no mercado financeiro no Brasil.

Aqui, você nem sempre vai projetar algo novo, uma solução. Tudo vem muito pronto do exterior e você pode acabar sendo apenas um técnico mais qualificado. Obviamente, muitos conseguem seguir carreiras excelentes em Engenharia no Brasil, mas as oportunidades para carreiras muito boas ficam em consultoria ou mercado financeiro.

Essa percepção ocorreu na época em que você participou da Empresa Júnior?

Sim, na Júnior, decidi que não queria ser um profissional da Engenharia e fiquei em dúvida entre o mercado financeiro e a consultoria. Hoje, faço um híbrido dos dois. No Ensino Médio, queria trabalhar com Engenharia Química, mas em um cargo de gestão, como cabeça de alguma empresa grande. Mas no Brasil só se consegue esses cargos por indicação, então me interessei por essa área econômica onde acho que dá para crescer mais.

É fácil um engenheiro trabalhar na área financeira?

Tem mais vagas para engenheiro no mercado financeiro do que para Engenharia de fato. Se você for atrás, verá que tem muito mais vagas.

Fale sobre sua experiência de vida na Europa.

Lá tem muito feriado, e é muito barato para viajar. Fui para o Marrocos por 15 euros. Deu para visitar muitos países: Marrocos, Dinamarca, Espanha, Alemanha. É muito enriquecedor. Em 50% do intercâmbio você vai aprender coisas técnicas, porque realmente a escola lá é muito boa. Fiz uma especialização em Modelagem Matemática e é por isso que tenho meu emprego hoje em dia. Meu trabalho é fazer modelos matemáticos, coisa que na Poli não era muito forte, mas lá sim. Os outros 50% do intercâmbio são viajar, aprender línguas, conhecer gente e até amadurecer um pouco. Se você tem condição de fazer dupla graduação, acho que é imperdível.

Então você faz Modelagem Matemática?

Basicamente. Estou em um *family office*, que cuida do dinheiro de pessoas físicas ou de famílias. É quase como um fundo, mas é algo mais pessoal. A gente usa alguns dados para fazer um projeto de Modelagem Matemática que está em desenvolvimento.

Você pretende continuar estudando? O que pretende fazer daqui uns dez anos?

Mais para frente, gostaria de fazer um MBA ou alguma outra certificação assim. Mas eu me vejo estudando muito por conta própria. Aprendi a estudar sozinho, pegar mais coisas para aprender e trabalhar muito. Se for para colocar uma meta, quero estar morando no exterior, com a minha atual namorada, em um cargo de gestão.

Em quais funções pode atuar o engenheiro químico?

Em qualquer tipo de indústria. Na verdade, o engenheiro químico trabalha em indústrias químicas, farmacêuticas, de produção secundária, petroleira ou até mesmo em empresas de energia. Na França tem até o engenheiro energético, que faz as contas da eficiência energética de uma cidade, eficiência energética de um prédio. Aqui, trabalhando no setor corporativo, tem as consultorias, bancos e *startups*.

Voltando para a época do colégio, alguma matéria acabou sendo um diferencial na sua formação?

A parte de Matemática foi um grande diferencial para mim. Física e Matemática foram muito fortes e, na graduação, isso fez diferença.

Quais são as suas recordações da época do colégio?

Tenho um monte delas. Os meus amigos, os professores, as gincanas. Conheci a minha namorada no colégio, inclusive. Estamos juntos até hoje. O Colégio Etapa foi uma experiência muito boa. Passei mais tempo na faculdade do que no Etapa, mas me lembro mais nitidamente da minha época do Etapa do que de algumas coisas que vivi na Poli.

O que você diria para os nossos alunos que vão prestar logo mais os vestibulares?

É importante se conectar com as pessoas, é hora de ficar tranquilo, acreditar no que já estudou, continuar em um bom ritmo de estudo até a 1ª fase e não largar a mão para a 2ª fase. Uma coisa muito importante é ir de cabeça erguida para o vestibular, saber que está preparado, que é capaz.

ESPECIAL

Alunos do Colégio Etapa são premiados na OQSP 2020

Alunos do Colégio Etapa conquistaram 22 medalhas na Olimpíada de Química de São Paulo (OQSP), sendo seis de ouro, sete de prata e nove de bronze, superando o recorde registrado em 2019. Desta vez, os nossos alunos conquistaram 40% das medalhas concedidas a todos os estudantes que participaram da competição.

Além do excelente desempenho coletivo, destaque para os alunos Lucas Takayasu, que conquistou o Prêmio Prof. Geraldo Vicentini, destinado ao estudante com a maior pontuação entre os competidores da 2ª série do Ensino Médio; e Juliana Mitie Hosne Nakata, que conquistou o Prêmio Mulheres para a Química, destinado às estudantes da 2ª e da

3ª séries do Ensino Médio que tiveram o melhor desempenho no torneio.

Além das medalhas, a premiação da OQSP também inclui gratificações em dinheiro para os medalhistas de ouro e para os destaques. Este ano, o comitê organizador distribuiu cerca de R\$ 7 mil para onze estudantes, incluindo sete alunos do Colégio Etapa.

As provas da OQSP 2020 ocorreram em duas fases e os resultados foram divulgados na primeira quinzena de outubro. Todos os medalhistas da competição também se classificaram automaticamente para a Olimpíada Brasileira de Química (OBQ), que ocorrerá virtualmente no dia 12 de dezembro deste ano, devido à pandemia da Covid-19.

Confira a relação dos alunos medalhistas na OQSP 2020

Medalha de ouro

- Lucas Takayasu – também vencedor do Prêmio Prof. Geraldo Vicentini
- Chen Jia Hao
- Ian Seo Takose
- Luiz Felipe Giareta Schmitt
- Pedro Sales Toro Alonso
- Thomas Anders Silva Larsson

**Medalha de prata**

- Juliana Mitie Hosne Nakata – também vencedora do Prêmio Mulheres para a Ciência
- Daniel Yamamoto Damico
- Igor Augusto Lee Bafini Dorighelo
- Pedro Luchiari de Carvalho
- Rodrigo Santos Martines
- Vinícius Campos Goes
- Vinícius Kenji Amano Tanaka

**Medalha de bronze**

- Daniel Yukio Kitagawa
- Diogo Lev Freidenson
- Eduardo Esteves Souza Dias
- Erik Matsuda Serikava
- João Guilherme Odebrecht Rosa
- João Pedro Cabral Miranda
- João Pedro Daltro Santos
- João Vitor Takahara dos Santos
- Larissa Terto Alvim

